

A OBRA COMO ERRÂNCIA DOS LIMITES E PERPETUAÇÃO DA MEMÓRIA (A PROPÓSITO DO LIVRO DE ANA MARIA ROLAND: FRONTEIRAS DA PALAVRA, FRONTEIRAS DA HISTÓRIA¹)

Há livros que são lidos por dever de ofício e se impõem por necessidade ou como instrumento de trabalho. Há outros que constituem objeto de fruição do espírito, de exercício prazeroso, pela grandeza estética de sua concepção e pela riqueza de suas reflexões, tornando-se companheiros de caminhada, como ocorre com um Machado de Assis ou um Shakespeare. Esta obra de Ana Maria Roland, que tenho a alegria de comentar, por sua natureza de ensaio bem elaborado, situa-se a meio caminho entre esses extremos, com o mérito adicional de fundir arte e ciência, literatura e história crítica da cultura, num texto que se lê com emoção e entusiasmo pelas surpresas do percurso explorado e pela beleza da sua expressão.

Como, porém, o sedutor fantasma de Max Weber paira sobre esta obra, iluminando a construção de seu discurso interpretativo, gostaria de começar a sua apresentação invocando uma palavra crucial desse pensador em sua célebre conferência *A Ciência como Vocação*. Com efeito, esse imenso pesquisador da racionalidade ocidental moderna, ao caracterizar a vocação científica como um impulso obsedante e que não se efetua sem a certeza que – citando Carlyle – “milhares de anos deviam escoar-se antes que tenhas visto a luz e outros milhares de anos esperam em silêncio para saber o que terás feito de tua vida”, a isso ele acrescenta esta reflexão: *«Nada que ele não possa fazer com paixão*

DE ANA MARIA ROLAND
Fronteiras da Palavra, Fronteiras da História
Brasília: Editora da UNB, 1997.

POR EDUARDO DIATARY B. DE MENEZES
Professor Titular do Doutorado e Mestrado em
Sociologia da Universidade Federal do Ceará.

*tem valor, para o homem como tal.*² Pois bem, este livro é fruto maduro dessa paixão que anima todo desafio cognitivo e não teme a necessária fusão entre o artístico e o científico.

Não busque, pois, o leitor deste livro o modelo indigente que reveste boa parte das nossas teses doutorais: delimitação do problema, análise da literatura, marco teórico-metodológico, análise dos dados, e conclusões. Nada disso encontrará aqui. Nada desse insidioso modelo burocrático de pesquisa. Seu registro se dá numa pauta que não possui vizinhança nem sequer longínqua com essa mesmice que já nasce premissa.

O leitor está diante de um livro. E de uma autora que se preparou longamente para exercitar o seu ofício com competência, com sensibilidade estética e nervo poético. Aqui tudo flui e se articula como no andamento de um concerto barroco, com seu tema principal – anunciado desde o título em forma de tese ou argumento sintético –, com suas bordaduras à margem ou intercaladas, e com seu contraponto de partes e instrumentos semióticos. Com que finura e com que argúcia, a autora vai desvelando ao leitor a tessitura do argumento geral ao mesmo tempo que dissimula habilmente no seu intertexto bem escrito os andaimes com que o construiu!

Posto seja um texto que nos cativa e nos provoca por sua requintada reflexão, advirto no entanto que este livro não é para

principiantes. Como o Brasil, esta obra tem uma elaboração densa e cumulativa que exige um leitor medianamente familiarizado com a tradição letrada brasileira e hispânica, pelo menos do período que vai dos anos 70 do século passado até perto de nossos dias. Senão, deixará de usufruir da riqueza referencial e alusiva que vem do extenso material de sua composição literária e conceptual.

Não obstante, abro desde logo um parêntese para assinalar uma nota destoante no produto material deste esforço. Contudo, ad-
virto de imediato que, como os oxímoros e os paradoxos da estilística euclydiana – recursos com que o escritor tenta dar conta de uma realidade ambígua, cambiante e mesmo contraditória –, aqui também este resultado negativo pode servir para sublinhar e exaltar o labor da autora. Refiro-me ao fato injustificável de a editora da Universidade de Brasília ter produzido um objeto destrutado, uma roupagem não condizente com um corpo tão excelente. De fato, do ponto de vista gráfico, o livro depõe contra o editor, pois o nível desta obra exigiria um produto editorial à sua altura. Isso, contudo, ocorreu também para desespero de Euclides da Cunha, um perfeccionista das formas, com a primeira edição de *Os Sertões*. Fecho o parêntese e volto à minha reflexão sobre o conteúdo desta obra.

Nenhum percurso criativo no campo do conhecimento está dado previamente. Ele é sempre um projeto arquitetônico que se faz no ato, no mesmo sentido radical do verso de Antonio Machado: «*Caminante, son tus huellas el camino, y nada más...*» Eis o que fez Ana Maria neste livro maravilhosamente concebido, como se ela se dissesse: “a universidade já me deu régua e compasso; meu caminho neste livro eu mesma traço...”

Por outro lado, todo percurso que se constrói é uma via limitada, é uma escolha em meio a inúmeras outras possíveis. Assim, dependendo da orientação ou do rumo que a

autora se impôs ou recebeu ao longo de sua elaboração, outros trajetos poderiam ter sido explorados, hipoteticamente, virtualmente, enriquecedores. Como quer que seja, a autora desenvolve uma perspectiva de análise tão mais fecunda e aberta a múltiplas direções, que é de lamentar apenas que não tenha explorado ainda mais a sua fertilidade e opulência.

Demais, vale assinalar certos aspectos curiosos de seu empenho. Às vezes, a autora entusiasma-se com seus guias espirituais – como o faz, por exemplo, com Descartes ou Hegel – e não se recusa a tomar desvios prazerosos por trilhas que desbordam a via principal que baliza o seu argumento. Assim, a sisudez do percurso dominante ou único sai fecundada por esses trajetos de *flâneur* do denso território da cultura. Ela se deixa, pois, levar por digressões esclarecedoras, sem perder o rumo da meta ulterior, que a conduz como Beatriz a Dante, no Paraíso.

Mesmo para um velho caminhante dessas complicadas malhas que entretecem o território de nossa aporia ôntica como povo e como nação, há muito o que apreender e aprender neste livro de Ana Maria Roland. E confesso com alegria que muito ganhei em sabedoria percorrendo seus múltiplos desdobramentos: além da riqueza do fio que estrutura o conjunto de seu argumento, há preciosas e inesperadas reflexões interpretativas que configuram belíssima tapeçaria cultural, como o cotejo que realiza das figuras seminais de Euclides da Cunha (*Os Sertões*) e Octavio Paz (*El laberinto de la soledad*). Ou ainda, veja-se, por exemplo, suas belas páginas de interpretação do texto euclydiano ou do de Guimarães Rosa, no quarto capítulo, as quais se tornam ainda mais ricas pelo esteio que busca em Antonio Candido, esse Midas brasileiro da crítica que transforma em ouro fino a tudo quanto examina.

Tudo isso mostra sua ousadia de espírito e a densidade da instrumentação com que

se armou para enfrentar esse desafio de monta. Posso imaginar que não lhe foi menos áspero desbravar essa “selva selvagem”, tanto quanto o próprio Euclides na construção de seu trágico épico, que exigiu dele o refazer intelectualmente e até fisicamente todos os caminhos de nossa formação, desde o descobrimento, e mesmo antes, na sua gênese cósmica. Portanto, Ana Maria não hesitou em condensar, num amplo mosaico interpretativo, história e literatura, lógica e poesia, estética e lingüística, psicanálise e sociologia, a fim de propiciar o intento de dar conta em claro-escuro desse objeto ambíguo e escorregadio que é o **ethos** e a singularidade de uma cultura nacional mediante a análise de seus livros fundadores.

Eis aí a origem e o sentido dessa bela metáfora do título: as fronteiras da Palavra são a condição e o modo de existência das fronteiras da História. Essa metáfora das fronteiras, que percorre todo o livro e vai estruturando seus espaços interpretativos, possui também seu quê de mistério e de fantástico que evoca, *mutatis mutandis*, aquela cerca inusitada e insólita que sai envolvendo tudo no romance *Redoble por Rancas*, do escritor peruano, Manuel Scorza.

Por outro lado, a autora vai buscar na noção de **paidéia** da cultura grega³ a chave interpretativa que baliza o rumo inteiro de sua tese, e que se reporta a essa “tradição afortunada”, garante da continuidade na invenção do Brasil ou do México por meio de sua literatura ficcional, poética e sobretudo ensaística. Pessoalmente, interpreto essa vertente dominante de nossa inteligência como o efeito da operação mitopoética dessa desmesurada construção mosaica de um **monotexto** que se cria e se recria incessantemente, num como destino de Sísifo, e que aponta para a nossa dialética de permanência e transformação – que Ana Maria chama de, numa bem escolhida expressão, **odisséia**

inacabada, fundindo a um só tempo epopéia e sinfonia.

Importa assinalar que não se trata aí meramente de um feliz e belo rótulo. Se fosse apenas isso, poderia ser estético, porém externo, epidérmico, superficial. É bem mais do que isso. É algo essencial a todo o fio de seu argumento. Com efeito, Ana Maria vai buscar na narrativa épica do Homero da *Odisséia* a metonímia ou, antes, o modelo analógico para entender, mediante o retorno de Ulisses às suas raízes, no seu não reconhecimento imediato, etc., esse outro regresso às fontes de nossa formação histórica que está na chave do *Labirinto da Solidão*, de Octavio Paz, e mais ainda na construção agonística de *Os Serões* e no próprio Euclides da Cunha. Além de constituírem empreendimentos que se recompõem a cada nova obra de outros espíritos-fontes, eles configuram a nossa **paidéia**, a saber, aquilo que conduz os nossos povos na senda de seu autoconhecimento, de sua memória compartilhada, de sua filiação àquilo que os singulariza. E, como construção simbólica da nacionalidade, é processo que se dá na errância de limites semióticos, que asseguram no entanto a tênue perpetuação da memória coletiva.

Em suma, a urgente elaboração de uma **estética cognitiva**, que reivindico insistentemente para os que labutam nos domínios das Ciências Humanas, a fim de escapar ao *carcan* da esquizofrênica herança positivista que empobrece o trabalho dessas disciplinas, foi esse o rumo convergente que Ana Maria realizou com beleza e destemor neste seu livro que amplia o horizonte dos possíveis analíticos dos produtos do espírito. Ou, conforme diz a própria autora ao se referir à obra euclydiana: “sua ciência está a serviço da arte” (p. 178).

Mas é hora de concluir esse passeio breve que já vai longo. Sumariamente, o livro constitui-se de um contraponto entre os dois

espíritos-fontes, escolhidos como marcos fundamentais dessa elaboração de nossos percursos históricos mediante a força criativa da palavra e da escrita poética, mas à volta dos quais examina ampla galeria de autores representativos. Uma grande rapsódia composta de sete ensaios menores que configuram o que chamei de "o mosaico cultural" de nossas nações. É este o andamento típico dessa obra original e ao mesmo tempo inserida na longa tradição que tenta decifrar. Não tenho dúvida que ela constituirá doravante um dos andaimés da construção de nosso monotexto fundante.

E se alguma mensagem fosse preciso extrair desse esforço, eu recorreria ao seu belo capítulo conclusivo, quando examina em vários escritores o ensaísmo como gênero e vocação. A própria autora diz aí desses textos fundadores:

São obras clássicas, condição pela qual desempenham uma função "carismática" [no sentido weberiano do termo]: suas relações com outras esferas rotinizadas são análogas ao papel da indústria e da produção em série com respeito à invenção; do casamento em relação ao amor; da burocracia diante dos princípios da organização; da rotina do trabalho diante

da vocação; do ritual religioso diante da conversão. Em todos eles ocorre essa dicotomia, uma oposição entre "aventura" e "rotina". (...) Há poucos lugares da cultura nos quais o instituído conserva a substância original, carismática: eis aí uma constatação tão evidente, mas que pode ser ela própria a informar sobre a fantástica desproporção existente entre os estudos das "organizações" e aqueles que contemplam o curso das "trajetórias excêntricas", do qual falou Kant. A "grandeza indefinível dos começos", com que Claude Lévi-Strauss assentou sua visão da cultura, tenderia para a opacidade, para as regiões sombrias, como um ritual feito de gestos e passos precisos, mas incompreensíveis. (pp. 248-249).

NOTAS

- ¹ Cf.: *Fronteiras da Palavra, Fronteiras da História* (Contribuição à crítica do ensaísmo latino-americano através da leitura de Euclides da Cunha e Octavio Paz). Brasília: Editora da UNB, 1997.
- ² Cf.: WEBER, Max: *Le Savant et le Politique*. Paris: Plon, 1959, p. 71. [Grifado por Weber].
- ³ Cf. JAEGER, Werner: *Paideia: los ideales de la cultura griega*. México: Fondo de Cultura Económica, 1957.